

Divergências fonológicas e ortográficas em parikwaki (Arawak)

Glauber Romling da Silva

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4286-159X>

Dilzete Labonte Orlando

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brasil

<https://orcid.org/0009-0001-8522-0015>

RESUMO: Este estudo examina divergências fonológicas e ortográficas na língua parikwaki (Arawak), falada pelo povo Palikur-Arukwayene na fronteira Brasil-Guiana Francesa. Analisando propostas de diversos autores, o artigo destaca a complexidade na representação dos fonemas /g/ e /ɣ/, cujas análises variam entre a inclusão de /ɣ/ como fonema distinto até sua omissão. As divergências metodológicas refletem-se na ortografia: enquanto grafemas como <g> e <r> representam /g/ e /ɣ/ em propostas recentes, trabalhos iniciais invertiam essa relação. Em nossa proposta, evidenciam-se variações intergeracionais: falantes jovens apagam /ɣ/ em posição intervocálica (ex.: [ku.'u.ku] para /ku.'yu.ku/ 'rato'), podem apagá-lo em posição final (ex.: [pa.ki]~[paki] para /pa.'kig/ 'sua tia'), enquanto mantêm /g/ na mesma posição (ex.: [si.'gis.nẽ] para /si.'gis.nẽ/ 'correr'). Idosos, por sua vez, intervocalicamente, mantêm a realização de /ɣ/ suavizada ([ku.'u.ku]) e fricativizam /g/ ([ka.'ɣã]~[ka.'ɣã] 'morder'). Em posição final, o contraste persiste (ex.: [pa.'kiɣ] 'caititu' e [pa.'kig] 'sua tia'), reforçando a relevância fonêmica de /ɣ/. A inclusão inconsistente de grafemas para empréstimos (ex.: <f, l, j, z>) e a ausência de consenso sobre sua integração ortográfica ampliam os desafios de padronização. O artigo também aborda a vitalidade do parikwaki, classificado como potencialmente ameaçado devido à pressão do português em contextos formais e à diglossia, com uso restrito a domínios comunitários. Destaca-se a necessidade de políticas linguísticas que envolvam falantes na criação de materiais educativos, considerando variações dialetais históricas (ex.: clãs extintos com possíveis dialetos próprios) e dinâmicas contemporâneas. Conclui-se que a ortografia ideal deve equilibrar critérios fonológicos, mudanças geracionais e participação comunitária, visando à preservação do parikwaki como língua identitária do povo Palikur-Arukwayene.

PALAVRAS-CHAVE: Ortografia; Fonologia; Língua parikwaki; Povo Palikur-Arukwayene; Família Arawak.

ABSTRACT: This study examines phonological and orthographic divergences in Parikwaki (Arawak), a language spoken by the Palikur-Arukwayene people along the Brazil–French Guiana border. By analyzing proposals from various authors, the article highlights the complexity involved in representing the phonemes /g/ and /ɣ/, whose analyses range from recognizing /ɣ/ as a distinct phoneme to omitting it altogether. These methodological divergences are reflected in orthographic choices: while recent proposals employ the graphemes and to represent /g/ and /ɣ/, respectively, earlier works reversed this correspondence. Our analysis reveals intergenerational variation: younger speakers tend to delete /ɣ/ in intervocalic position (e.g., [ku.'u.ku] for /ku.'yu.ku/ 'rat') and may also elide it in word-final position (e.g., [pa.ki]~[paki] for /pa.'kig/ 'your aunt'), while consistently maintaining /g/ in the same context (e.g., [si.'gis.nẽ] for /si.'gis.nẽ/ 'run'). Older speakers, in turn, preserve /ɣ/ with a softened articulation in intervocalic position ([ku.'u.ku]) and tend to fricativize /g/ ([ka.'ɣã]~[ka.'ɣã] 'bite'). In word-final position, the contrast is preserved (e.g., [pa.'kiɣ] 'peccary' vs. [pa.'kig] 'your aunt'), reinforcing the phonemic relevance of /ɣ/. The inconsistent representation of loan graphemes (e.g. <f, l, j, z>) and the absence of consensus regarding their orthographic integration add further complexity to the standardization process. The article also addresses the vitality of Parikwaki, which is classified as potentially endangered due to the dominance of Portuguese in formal domains and a diglossic situation in which Parikwaki is largely restricted to community use. The need for language policies that actively engage speakers in the development of educational materials is emphasized, taking into account both historical dialectal variation (e.g., extinct clans that may have had their own dialects) and contemporary dynamics. The study concludes that an effective orthography must balance phonological criteria, generational shifts, and community participation in order to support the preservation of Parikwaki as a marker of identity for the Palikur-Arukwayene people.

KEYWORDS: Orthography; Phonology; Parikwaki language; Palikur-Arukwayene people; Arawak family

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar os fenômenos fonológicos e ortográficos do parikwaki, com foco especial nas consoantes /g/ e /ɣ/, considerando variações geracionais. Busca ainda cotejar propostas anteriores e discutir suas implicações para a padronização da ortografia, incluindo os grafemas que ocorrem em empréstimos. A análise propõe integrar dados fonológicos e sociais, oferecendo subsídios preliminares para decisões ortográficas a serem tomadas pelas comunidades de falantes de parikwaki. O parikwaki é língua Arawak do Norte falada pelo povo indígena Palikur-Arukwayene no Brasil e na Guiana Francesa. Do lado brasileiro, os falantes de parikwaki estão no município de Oiapoque, Amapá; do outro lado da fronteira, ficam concentrados em Saint-Georges de l'Oyapock.

Metodologicamente, este estudo busca analisar materiais secundários (publicações acadêmicas, textos interlinearizados, cartilhas, dicionários, etc) disponíveis em repositórios públicos de livre ou fácil acesso para montar suas hipóteses iniciais. Posteriormente, testamos essas hipóteses a partir da metalinguagem e dos julgamentos gramaticais e fonológicos de uma pessoa falante nativa de parikwaki, uma das autoras deste trabalho. A falante é mulher, tem 38 anos, nasceu e cresceu na aldeia Kumenê, às margens do rio Urukauá, a principal dos Palikur no lado brasileiro, e tem ensino superior completo.

Para o registro em áudio foi utilizado um gravador manual Zoom H4nPro com microfone unidirecional, configurado para gravar em formato de arquivo wav, PCM sem compressão, com taxa de amostragem 48 kHz, 24 bits, canal mono. As segundas repetições de cada palavra, de três em isolamento pronunciadas em cadência normal, foram selecionadas para as transcrições. Em caso de dúvidas nas transcrições, utilizamos o *software* PRAAT (Boersma et al. 2025) para dirimi-las visualmente. Em relação às transcrições fonéticas, fonológicas e ortográficas de outros autores, apresentamos sempre o formato original *ipsis litteris* da obra fonte. Em paralelo, apresentamos transcrições e comentários explicativos pertinentes. Por padrão, apresentamos a transcrição original e a transcrição atual no formato IPA.

A nossa análise é predominantemente descritiva, com elementos comparativos e qualitativos. Descritiva, pois apresenta a interpretação de fenômenos fonológicos; comparativa, pois coteja propostas fonológicas e ortográficas anteriores; e qualitativa, já que aborda fenômenos como variação intergeracional e vitalidade e reflete sobre implicações políticas e comunitárias das decisões ortográficas.

Especificamente, discutimos os trabalhos de Green, D. e Green, H. (1966a), Dooley e Green, H. (1977), Green, H. et al. (1997), Green, H. et al. (2019) [1998], Launey (2001, 2003 e 2009) e Barros (2016). Outros textos foram consultados como suporte, como materiais depositados no repositório *Open Language Archives Community* (OLAC),¹ o manuscrito da gramática de Green, D. e Green, H. (1972) não publicada e textos interlinearizados de Green, D. e Green, H. (1996b).

Ficaram de fora trabalhos anteriores para os quais não há disponibilidade *online*, como listas de palavras (Boutle et al. 1963; Collins 1963; Green, D. e Green, H. 1966b), que poderiam fornecer *insights* adicionais à nossa análise. As pioneiras publicações de falantes nativos de parikwaki também não puderam ser acessadas, como Filho, L.O. (1974), Filho P. O. (1974), Iaparrá, M. (1974), Felcio, J. A. (1975), Gomes, I. (1990) e Iaparrá et al. (1992).

As análises fonológicas e ortográficas do parikwaki mostram divergências significativas na representação de /g/² e /ɣ/³, refletindo abordagens distintas. Enquanto propostas como as de Dooley e Green, H. (1977) e Launey (2001, 2003 e 2009) incluem /ɣ/,

¹ Disponível em <http://www.language-archives.org/language/plu> . Acesso em 27/03/2025.

² Utilizamos o IPA (2005). Símbolos distintos utilizados por outros autores serão sempre apontados ou adaptados com o devido destaque.

³ Utilizamos esta representação por conveniência. Outros autores utilizam vários símbolos.

Barros (2016) não o apresenta. Identificamos, em contexto intervocálico em *onset* silábico, que os jovens apagam /ɣ/ ([Ø]) e reforçam /g/ como oclusiva ([g]), enquanto os mais velhos mantêm /ɣ/ suavizada ([ɣ]) e fricativizam /g/ ([ɣ]~[ŋ]), dificultando o contraste. Em contexto final de palavra, há contraste nos mais velhos, enquanto os mais jovens mantêm a pronúncia do [g] e tendem a oscilar entre a pronúncia suavizada de [ɣ] e seu total apagamento. Em contexto inicial de palavra, /ɣ/ não é atestado. Atualmente, a ortografia representa /g/ como <g>⁴ e /ɣ/ como <r>, enquanto propostas mais antigas (Green, D. e Green, H. 1966a; Dooley e Green, H., 1977) divergem deste entendimento com base em análises fonológicas distintas.

Além das divergências na análise e representação dos fonemas /g/ e /ɣ/, este trabalho discute também o tratamento dos fonemas presentes apenas em empréstimos — como /f, l, ʒ, z/ — nas diferentes propostas ortográficas. São considerados ainda aspectos de variação geracional, como o apagamento de /ɣ/ entre os falantes mais jovens, e suas implicações para a definição de um sistema gráfico estável. Assim, o estudo amplia o debate sobre os critérios linguísticos e as escolhas práticas que orientam a elaboração de uma ortografia para o parikwaki.

Este artigo busca contribuir para uma lacuna ainda pouco explorada nas análises fonológicas e ortográficas do parikwaki: a ausência de propostas que considerem de forma sistemática os dados geracionais. Embora trabalhos anteriores tratem das consoantes /g/ e /ɣ/ e da representação ortográfica de fonemas presentes apenas em empréstimos, poucos articulam essas observações com diferenças verificáveis entre grupos etários. A partir da reinterpretação de dados secundários disponíveis na literatura, este estudo propõe um caminho viável inicial para integrar essas variações às decisões ortográficas, oferecendo uma base preliminar para reflexões futuras sobre a padronização da escrita da língua.

Organizamos este trabalho da seguinte maneira. Em 1 Introdução, localizamos o leitor em relação aos objetivos deste trabalho, à língua parikwaki e à sua comunidade de falantes. Em 2 Povo, língua, vitalidade, sociedade e variação linguística, apresentamos dados sociolinguísticos, classificação, um resumo dos estudos sobre vitalidade e de possíveis variações dialetais clônicas. Na seção 3 Fonologia e ortografia da língua parikwaki, analisamos os trabalhos existentes com foco nas divergências sobre análise e representação de /g/ e /ɣ/ e na representação fonêmica e grafemática de empréstimos linguísticos. Em 4 Considerações finais, resumimos nossos resultados sobre o atual estado-da-arte destes tópicos da ortografia e da fonologia do parikwaki, bem como tecemos comentários sobre propostas possíveis de atualização ortográfica.

2. Povo, língua, vitalidade, sociedade e variação linguística

2.1 O povo Palikur

O povo indígena Palikur-Arukwayene tem uma população de 1935 pessoas no Brasil (SIASI/SESAI 2020 no *site* do ISA⁵) e entre 700 e 1000 pessoas (Launey 2009: 56) na Guiana Francesa. A ortografia presente em Launey (2001, 2003) é baseada em sua experiência na Guiana Francesa; já as demais ortografias utilizadas nos demais trabalhos (Green, D. e Green, H. 1966a, 1972; Dooley e Green 1977: 13; Green, D. et al. 1997; Barros 2016 e Green, H. et al. 2019 [1998]) referem-se às experiências com a porção da população que vive no Brasil.

⁴ Lista de notações e glosas: < > ‘transcrição grafemática’, 3.m ‘terceira pessoa masculino’, PL ‘plural’, CLF ‘classificador’, ASSOC ‘associativo’, PLN ‘plano’. Dooley e Green, H. (1977) utilizam as glosas cl=dep ‘oração independente’ e cp ‘aspecto completivo’.

⁵Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>. Acesso em 27/03/2025.

2.2 A língua parikwaki

A língua parikwaki é falada pelo povo Palikur-Arukwayene em uma pequena região multilíngue de Oiapoque (Lüpke et al. 2020). Nessa mesma região, no lado brasileiro, habitam os povos Karipuna, Galibi-Marworno e Kalinã. Os dois primeiros, embora sejam povos de origens bem diferentes (Silva G. R., Santos 2022; Silva, G. R. 2023; Silva G.R.; Forte 2024), falam o *kheuól* do Uaçá, uma língua crioula advinda do guianense, que nasceu no século XVII em Caiena a partir do contato de escravizados falantes de línguas níger-congo com variedades do francês não metropolitano no contexto colonial das *plantation* (Silva, G.R. 2021a; 2021b).

O povo Kalinã é composto por descendentes de pessoas que migraram nos anos 1950 para o Brasil a partir da Guiana Francesa (Gallois; Grupioni 2003). A vitalidade de cada uma das línguas é bastante diferente. Com base no que alguns estudos sugerem (Barros 2016; Santos; Silva, G.R. 2020; Gallois; Grupioni 2003), podemos inferir que, em uma escala decrescente, temos o parikwaki com maior taxa de transmissão linguística intergeracional, seguida de *kheuól* Galibi-Marworno, *kheuol*⁶ Karipuna e *kalinã*.

A classificação interna do parikwaki, chamado pelo glotônimo antigo palikur, dentro da família Arawak é apresentada com base em três propostas principais. Payne (1991) inclui o parikwaki no ramo Arawak Oriental, compondo, juntamente com o marawan, o denominado Grupo Palikur. Já Aikhenvald (1999) considera o parikwaki uma língua Arawak Setentrional, agrupado com línguas extintas como marawan e aruan no Grupo Palikur. Por sua vez, Ramirez (2001) propõe uma divisão mais ampla entre os ramos Arawak Oriental e Ocidental, situando o parikwaki no ramo Oriental, na Divisão Amapá.

2.3 A sociedade Palikur

A relação entre os clãs Palikur e a língua parikwaki é abordada ao longo do tempo por diferentes autores que exploram as transformações históricas, sociais e culturais desse povo. Nimuendajú (1926) observa que a formação dos Palikur resultou da integração de elementos heterogêneos, incluindo outras populações indígenas e elementos culturais externos. Ele sugere que, em momentos anteriores, diferentes clãs poderiam ter falado formas linguísticas distintas. Contudo, não apresenta evidências concretas de variações dialetais, apenas reconhece a complexidade cultural e histórica que moldou o grupo.

Na sociedade Palikur, cada clã é associado a um elemento natural e está tradicionalmente ligado a sobrenomes tanto no contexto brasileiro quanto francês, refletindo influências históricas e culturais. O clã Wayvayene, conhecido como Gente da Lagarta, é representado por sobrenomes como Ioiô, Orlando, Paulo, Brasil, Martiniano e Hipólito no Brasil; além de Norino, Yoyo e Michel na Guiana Francesa. O clã Kawakyene, identificado como Gente do Abacaxi, possui os sobrenomes Labontê no Brasil e Labonté na Guiana Francesa. O clã Wakavunyene, ou Gente do Esteio, está associado a sobrenomes como Batista, Leôncio no Brasil, e Baptiste na Guiana Francesa. O clã Paraymiyene, chamado de Gente do Bagre, é relacionado aos sobrenomes Guiome e Martins no Brasil e Guiaume e Martin na Guiana Francesa. Já o clã Waxriyene, conhecido como Gente da Terra, apresenta sobrenomes como Antônio Felício, Felício e Augusto no Brasil, e Auguste ou Felício(a) na Guiana Francesa. Por fim, o clã Wadahyene, identificado como Gente da Lagartixa, é representado pelos sobrenomes Iaparrá no Brasil e Yapara na Guiana Francesa (cf. Arnaud 1968, 1984; Vidal 2001; Capiberibe 2009; Batista, A. 2013; Batista, R.E. 2019, 2023).

Autores como Arnaud (1968) e Vidal (2001) indicam que alguns clãs tradicionais desapareceram ou perderam relevância ao longo do tempo. Entre os clãs considerados extintos

⁶ Os glotônimos variam em seus registros. Na escrita Karipuna é ‘*kheuol*’; na Galibi-Marworno, é ‘*kheuól*’.

estão o Kamuy (sol), Sawu (lontra), Mayuyno (pássaro), Maraun (peixe) e Kuemy (árvore). A ausência desses clãs nas listas atuais pode ser atribuída a fatores como a mistura interclânica, mudanças sociais significativas ou o declínio populacional. Essas dinâmicas refletem as transformações culturais vividas pelos Palikur, especialmente em contextos de maior interação com outras populações e mudanças na organização territorial e social.

Arnaud (1968) amplia a discussão ao apontar que, no passado, os clãs possuíam dialetos próprios, associados a divisões territoriais e sepulcros – como os grupos de Walabdi e Kwapi. Com o tempo, esses dialetos foram substituídos por uma língua comum, possivelmente derivada do clã extinto Kamuyenê. Ele destaca o papel do parikwaki como marcador identitário essencial, especialmente frente às influências externas, como o khuól e o português, que começaram a impactar a comunidade. Arnaud (1984) reforça que a fusão dos clãs contribuiu para a centralização linguística, influenciada por transformações sociais e religiosas, como a chegada do protestantismo.

Vidal (2001) também sugere que os clãs poderiam ter falado diferentes variações do parikwaki no passado, refletindo a autonomia de cada grupo. Com o tempo, essas distinções foram suprimidas por processos de fusão clânica e interações interétnicas. Apesar disso, Vidal destaca a relevância da língua como símbolo de identidade e resistência cultural, e menciona a existência de formas cerimoniais de fala que se tornaram obsoletas. Esse fenômeno, para Vidal, reflete a adaptação dos Palikur às mudanças sem comprometer os alicerces de sua cultura.

Capiberibe (2009) não identifica variações dialetais contemporâneas entre os clãs, mas reconhece a diversidade linguística histórica associada às divisões territoriais e autonomia dos grupos. Ela enfatiza que o parikwaki permanece como elo identitário, mesmo diante das reconfigurações sociais provocadas pela mobilidade transfronteiriça entre Brasil e Guiana Francesa e pela cristianização. Para Capiberibe, essas mudanças reforçaram a homogeneização linguística e cultural, mas não apagaram a importância dos clãs como operadores de alteridade.

O estudo de Batista, A. (2013), professor indígena Palikur, destaca a perspectiva indígena ao detalhar que, no passado, cada clã possuía dialetos específicos, conhecidos como *kyavunka* ou *kyatunka*, que refletiam sua autonomia social e territorial. Contudo, esses dialetos foram gradualmente substituídos pelo parikwaki, uma língua comum derivada de clãs extintos, como os Maykyene (vento) e Kamuwyene (sol). Batista sublinha que a consolidação dessa língua foi impulsionada pelo declínio de clãs e pela centralização populacional em aldeias mistas. Ele também ressalta o impacto das transformações sociais, como o casamento exogâmico e a cristianização, na diluição das especificidades linguísticas e na consolidação do parikwaki como idioma principal. Batista, R. E. (2019, 2023) reforça a centralidade do parikwaki como elemento de resistência cultural e marcador identitário em um ambiente multilíngue, mas não aborda possível variação dialetal clânica historicamente.

2.4 A variação linguística em parikwaki

Launey (2003) sugere que certas variações dialetais seriam de cunho geracional (p. 36). O apagamento de /ɣ/ em contexto intervocálico seria um traço dos falantes mais jovens, enquanto pessoas mais velhas não o apagam. Os dados (mas não a análise) de Barros (2016) apresentam o apagamento, o que nos leva a inferir que seria de fato este o caso. É importante ressaltar que os dados de Launey (2001, 2003, 2009) referem-se, sobremaneira, a falantes de parikwaki da Guiana Francesa, e os dados de Barros (2016), que são mais recentes, a falantes do Brasil. Embora Oiapoque e Saint-Georges de l'Oyapock sejam cidades vizinhas e haja intenso intercâmbio entre os núcleos familiares de cada lado, variações diatópicas não podem ser descartadas.

Segundo nossa análise, ao menos no que se refere à distribuição da consoante /ɣ/ e de /g/, a fala dos mais jovens distingue-se por apagar /ɣ/ em ambiente intervocálico (/ɣ/→[Ø])

(1a), enquanto os mais velhos a pronunciam, ainda que mais suavemente (/y/→[ɥ]) (1b). /g/, na fala dos jovens, é mantido (/g/→[g]) (2a), enquanto os mais velhos o fricativizam (/g/→[ɣ]⁷) (2b). Em suma, os mais jovens potencializam o contraste intervocálico entre /y/ e /g/ com as pronúncias [Ø] e [g] (1a; 2a); já os mais velhos possuem um sistema em que o contraste acústico é limitado neste ambiente, com [ɥ] e [ɣ] (1b; 2b). Como /y/ não ocorre em início de palavra, o único ambiente em que o contraste é incontestado é em posição final, como em (3) (Green, D. et al. 1997: 4). Não atestamos os fonemas /y/ e /g/ em coda seguidos de consoante no interior do mesmo radical (cf. 37-38). Os trabalhos de Green H. e Green D. não atestam a variação de pronúncia com o apagamento em posição final (3a), o que reforça este fenômeno como típico dos mais jovens e reflexo de uma mudança em curso.

As nossas transcrições fonológicas e fonéticas virão sempre à direita e correspondem ao de uma falante de 38 anos da comunidade de falantes do Brasil, uma das autoras deste trabalho.

(1a)	/ku. 'yu.ku/	[ku. 'u.ku]	'rato'	(nossa transcrição)
(1b)	/ku. 'yu.ku/	[ku. 'ɥu.ku] ⁸		(Launey 2003: 35)
(2a)	/a.gi. 'ku/	[a.gi. 'ku]	'dentro'	(nossa transcrição)
(2b)	/a.gi. 'ku/	[aɣiku]~[aŋiku]		(Launey 2003: 42)
(3a)	/pa. 'kiy/	[pa. 'kiɣ]~ [pa. 'ki] ⁹	'caititu'	(nossas transcrição)
(3b)	/pa. 'kig/	[pa. 'kig]	'sua tia'	(nossas transcrição)

2.5 A vitalidade do parikwaki

Quanto à vitalidade, o parikwaki é identificado como uma língua potencialmente ameaçada, principalmente devido à pressão do português em contextos educacionais, comerciais e interétnicos (Barros 2016). Apesar de ser considerado uma língua “forte” pela comunidade, essa percepção resulta na subestimação dos desafios relacionados à transmissão intergeracional e ao declínio do uso em discursos tradicionais. A autora aponta que a valorização do português, especialmente por sua associação a recursos externos e à educação, contribui para o deslocamento linguístico do parikwaki, reforçando a necessidade de ações de preservação e valorização cultural.

Barros e Batista, L. F. (2023) expandem a discussão de Barros (2016) ao investigar as crenças e atitudes linguísticas dos Palikur-Arukwayene em relação ao parikwaki, português, khuuól e francês, revelando hierarquias sociais e culturais que moldam o uso dessas línguas. O estudo destaca o parikwaki como língua de uso cotidiano e familiar, mas com presença restrita no domínio de uso da escrita devido à falta de materiais didáticos. A pesquisa também evidencia uma situação de diglossia: o português domina os espaços formais e é visto como ferramenta de inclusão social, enquanto o parikwaki é restrito a contextos comunitários. Já o khuuól enfrenta estigma e perda de relevância, e o francês desempenha um papel marginal no cotidiano da comunidade.

⁷ A variação com a nasal não é explicitamente explicada pelo autor. Em outros exemplos, encontramos ambiente nasal concomitante, podendo ser gatilho independente, como em [ka. 'ɣã]~[ka. 'ŋã] 'morder'. Não encontramos essa variação na variante jovem, que tem como base a fala de uma das autoras deste trabalho.

⁸ Apresentamos neste trabalho transcrições fonéticas, fonológicas e grafemáticas conforme as fontes. Símbolos do IPA, mesmo que em desuso, serão utilizadas com os devidos comentários e equivalências, quando possível.

⁹ A pronúncia da fricativa em posição final de sílaba na fala rápida de alguns falantes pode oscilar com a pronúncia de uma leve pós-aspiração ([pa. 'ki^h]) ou mesmo com seu total apagamento ([pa. 'ki]). Algo semelhante a o que ocorre com a pronúncia do <r> final nos infinitivos em português brasileiro.

Barros (2016) e Barros e Batista, L. F. (2023) sublinham que a percepção de força do parikwaki mascara sua vulnerabilidade frente ao domínio do português, comprometendo sua transmissão e uso em contextos formais. As autoras convergem na necessidade de políticas linguísticas que promovam a preservação do parikwaki, ampliando seu papel em espaços educacionais e formais para assegurar sua continuidade como um patrimônio cultural e linguístico.

Orlando (2024) analisa a vitalidade da língua Parikwaki em comunidades do Brasil (Kumenê, Kamuywá, Kwikwit) e da Guiana Francesa (Norino). Utilizando questionários sociolinguísticos e observações, a autora identifica que a língua enfrenta riscos de enfraquecimento devido ao multilinguismo, especialmente entre jovens que preferem o português (no Brasil) e o francês (na Guiana), além da influência histórica de missionários e da educação formal. Apesar disso, o parikwaki mantém-se ativo em contextos familiares, rituais e interações cotidianas, com resistência liderada pelos mais velhos. Esforços de revitalização, como oficinas culturais e projetos educacionais apoiados por associações indígenas, buscam fortalecer a língua como elemento central da identidade Palikur, embora desafios persistam, como a pressão sociopolítica pela assimilação de línguas majoritárias.

A variação intergeracional na realização de /ɣ/, especialmente seu apagamento intervocálico entre os mais jovens, não apenas aponta para mudanças fonológicas em andamento, mas também reforça a importância de integrar essas transformações às discussões sobre a vitalidade da língua. A coexistência de padrões distintos entre gerações cria um cenário em que decisões ortográficas passam a refletir diferenças sociolinguísticas: optar por uma ortografia mais fonológica, que preserve distinções atestadas entre os mais velhos, ou por uma ortografia mais fonética, que acompanhe a fala atual. Ao reconhecer essa tensão entre tradição e mudança, é possível avançar em propostas de escrita que dialoguem com a diversidade interna da língua e com os desafios concretos de sua transmissão, ensino e valorização.

3. Fonologia e ortografia da língua parikwaki

A distribuição dos fonemas /ɣ/ e /g/, somada à variação intergeracional observada, impõe um desafio para a representação ortográfica da língua (Tabela 1). Observa-se atualmente que os falantes mais jovens tendem a omitir o fonema /ɣ/ em todas as posições (Tabela 1, (a) e (c)), refletindo essa tendência na escrita, deixando frequentemente de utilizar o grafema <r>, que tradicionalmente o representa na ortografia predominante desde os anos 1990 (Green et al. 1997, 2019 [1998])). Além disso, entre os falantes mais velhos, ocorre a lenição do fonema /g/ em contextos intervocálicos (Tabela 1, (d)), aproximando sua pronúncia à do fonema /ɣ/ (tabela 1, (c)), que também é encurtado.

(Launey 2001, 2003, 2009).

Tabela 1. Variação intergeracional /ɣ/ <r> e /g/ <g>

	Glosa	Ortografia	Fonologia	Velho	Jovem
(a)	cabeçudo	<war>	/way/	[way]	[wa ~way]
(b)	carapanã	<wag>	/wag/	[wag]	[wag]
(c)	furar	<turuhe>	/tu.yu.'hɛ/	[tũ.vũ.'hẽ]	[tũũ.'hẽ]
(d)	cair	<tuguhe>	/tu.gu.'hɛ/	[tũ.yũ.'hẽ]	[tũ.gũ.'hẽ]

Isso gera diversas formas variantes na escrita, que predominantemente reflete a fala dessa geração mais antiga. Essa situação gera uma confusão intergeracional: os mais jovens questionam a razão de escreverem um grafema, o <r>, correspondente a um “som que não ouvem” (como em ‘cabeçudo’ e ‘furar’ na tabela 1). Os mais velhos, por sua vez, estranham a variabilidade na escrita de algumas palavras com sons próximos em contextos intervocálicos. Observe os exemplos retirados de (Green, H.; Green, D. 2019[1998]) acompanhados à direita das nossas transcrições atuais.

- (4a) <uguke/ uruke > ‘atolado’ (pp. 304, 338) [u.gu.'kɛ] /u.gu.'ke/
 (4b) <yagak/yarak> ‘aberto’ (pp. 333) [ja.'gak] /ja.'gak/

Quando a variação ortográfica é entre <g> e <r>, identificamos que os mais jovens tendem a interpretar como /g/. A variação ortográfica entre <g> e <r> intervocálico reflete a pouca ou quase neutralizada distinção acústica das pronúncias /g/ e /ɣ/ neste contexto pelos mais velhos, [ɣ] e [ʏ], a saber. A interpretação /g/ por parte dos jovens deve-se ao fato de apenas [g] ser pronunciado neste contexto.

Com base no comportamento linguístico dos jovens, é possível afirmar que o fonema /ɣ/ está em processo de desaparecimento do sistema fonológico. Nesse contexto, surge a questão sobre a pertinência de manter o grafema <r> na escrita atual.

Os Palikur formam uma sociedade altamente hierarquizada, na qual o respeito à autoridade dos mais velhos inclui decisões políticas sobre a ortografia da língua. Remover o grafema <r>, embora reflita a tendência atual dos falantes mais jovens, poderia não ser culturalmente adequado. Manter uma escrita conservadora, por sua vez, implicaria na adoção de regras *ad hoc* para a instrução ortográfica, como “inclua <r> para evitar encontros vocálicos”. O parikwaki não admite encontros vocálicos fonológicos. Fonologicamente, considera-se que o fonema /ɣ/, embora com distribuição restrita, ainda faz parte do sistema linguístico. O sistema fonológico do parikwaki estabelece oposição entre obstruintes e soantes, conforme a tabela a seguir.

Tabela 2. Sistema consonantal parikwaki

(baseado em Green, H.; Green D. 2019[1998] e Launey 2001, 2003, 2009)

	Modo/ponto	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Obstruintes	Oclusiva surda	p	t		k	
	Oclusiva sonora	b	d		g	
	Fricativa surda	f	s	ʃ		h
	Fricativa sonora		z	ʒ	ɣ	
Soantes	Nasal	m	n			
	Lateral		l			
	Aproximante			j	w	

O fone [ŋ] ocorre nos dados de Launey (2003) variando com [ɣ], em contexto nasal (exemplos 22-23). Note-se que os fonemas /f, l, ʒ, z/ ocorrem apenas em empréstimos

linguísticos (exemplos 40-41). A necessidade de incorporar /z/ e /ʒ/ para empréstimos pode sugerir que o sistema originalmente não possuía fonemas fricativos vozeados (como /ɣ/).¹⁰ Entretanto, eliminar definitivamente o fonema /ɣ/ implicaria assumir que houve uma mudança estrutural importante na língua, que teria passado a permitir a ocorrência de encontros vocálicos fonológicos. Até o momento, não há evidências robustas de que esses encontros vocálicos tenham se tornado pervasivos. Todos os casos de encontros vocálicos atestados nos jovens têm equivalentes com o grafema <r> nos registros anteriores, o que sustenta a análise da subjacência do fonema /ɣ/ (exemplos de Green, H.; Green, D. 2019[1998]).

(5a)	<aviri>	‘feitiço’	(p. 77)	[a'vii]	/a.'vi.ɣi/
(5b)	<ariw>	‘fruto’	(p. 69)	[a.'iw]	/a.'ɣiw/
(5c)	<araku>	‘sumo’	(p. 377)	[aa.'ku]	/a.ɣa.'ku/

A distribuição de /g/ e /ɣ/ é analisada de maneira distinta pelos autores apresentados e isso impacta a sua representação ortográfica. Suas divergências vão desde a rotulagem articulatória exata dos segmentos até o símbolo que as podem representar.

O fonema /ɣ/ é representado por uma miríade de símbolos e, em suas distintas análises, é descrito como podendo apresentar muitas pronúncias diferentes. Os símbolos que podem representar /ɣ/ encontrados são /g/ e seus alofones [r], [g.], [g] (Green, H.; Green, D. 1966a); /F/ e seus alofones [ɣ], [r] e [g] (Dooley; Green, H. 1977). Em Launey (2003), a nasal velar [ŋ] é descrita como uma realização enfraquecida de /g/ em posição intervocálica. Nesse contexto, /g/ pode ser articulado como [ɣ], [ŋ] ou como um som aproximante fraco semelhante ao <r> gutural do francês, que o autor anota como [y], mas que não corresponde ao [j] palatal.

Green, D. e Green, H. (1966a), Barros (2016) contêm propostas fonológicas clássicas. Launey (2001, 2003), embora apresente uma proposta fonológica, o faz com uma linguagem voltada à escolarização. Os demais trabalhos apresentam comentários fonológicos a partir de descrições esparsas e que não trazem transcrições fonéticas, pares mínimos e rotulagem dos segmentos. Dessa forma, boa parte de nosso trabalho baseou-se na reconstrução da fonologia do parikwaki a partir das pistas que descrições articulatórias, transcrições grafemáticas e, sobretudo, escolhas ortográficas revelaram em trabalhos de cunho didático-pedagógico.

Nas próximas seções apresentaremos e comentaremos, em ordem cronológica, os trabalhos de Green, D. e Green, H. (1966a) Dooley e Green, H. (1977: 13), Green, D. e Green, H. (1996), Green, D. et al. (1997), Green, H. et al. (2019) [1998], Launey (2003) e Barros (2016) em relação à fonologia desses segmentos e suas decisões ortográficas para representá-los. Também tecemos comentários sobre a inclusão dos fonemas e grafemas que ocorrem somente em empréstimos /f, l, ʒ, z/ <f, l, j, z>, uma vez que há flutuações em sua inserção nas análises estudadas. Na última seção, formalizamos nossa proposta.

3.1 Divergências fonológicas nos grafemas <g> e <r>

A principal discordância reside na análise e na representação das consoantes cujo ponto de articulação é posterior. De um lado temos o /g/, de outro, temos /ɣ/, cujos ponto de articulação de seus alofones oscilam nas descrições entre velar (Launey 2001, 2003), uvular (Launey 2009) e glotal (Green, D. et al. 1997: 4). Os trabalhos utilizam muitos símbolos distintos, até a representação /r/ (Launey 2001, 2003, 2009), que parece querer representar a

¹⁰ Agradecemos a um parecerista anônimo por levantar esta questão. Todos os erros e omissões são de inteira responsabilidade dos autores deste trabalho.

natureza arquifonêmica deste fonema e não a atual vibrante velar. Seu modo de articulação na fonação é descrito como fricativo ou aproximante (Launey 2001, 2003). Na falta de consenso, e por conveniência, adotamos a representação /ɣ/ neste trabalho, que ilustra a nossa proposta de representação fonêmica.

3.1.1 Green, D. e Green, H. (1966a)

Green, D. e Green, H. (1966a), um manuscrito não publicado, é o primeiro estudo fonológico sobre o parikwaki e difere bastante dos trabalhos posteriores. Os autores apontam para a existência de uma *voiced back velar fricative* (1966a: 19) e usam o antigo símbolo /g/, que é equivalente ao atual /ɣ/. Nestes trabalhos, /ɣ/ flutuaria livremente com zero (#) e três alofones (6-7), representados aqui pelos caracteres originais em desuso: *retroflexed central oral continuant* [ɾ], *retroflexed voiced back velar fricative* [g] e *voiced lenis back velar fricative* [g.] (1966a: 19). À esquerda estão as transcrições originais, à direita as nossas transcrições.

- | | | | | | |
|-----|-----------|--|----------|-------------|-------------|
| (6) | /sipagi/ | [sivári]
[sivági]
[sivági]
[sivá#i] | ‘ferro’ | /si.'va.gi/ | [si.'va.gi] |
| (7) | /pagakka/ | [paɾakka]
[pagákka]
[pagákka]
[pa#ákka] | ‘entrar’ | /pa.'ɣa.ka/ | [pa.'a.ka] |

Como mostram nossas transcrições para as mesmas palavras, esses conjuntos de dados parecem refletir a distribuição de fonemas distintos (/g/ e /ɣ/) e não do mesmo (/g/ ou /ɣ/).

A consoante rotulada como *voiced velar stop* [g] é analisada como alofone de /k/, que ocorre contíguo a plosivas vozeadas em meio de palavra (8) (1966a: 18). A nasalização de /a/ pré-nasal não ocorre em nossa transcrição.

- | | | | | | |
|-----|----------|-------------|------|----------|-------------|
| (8) | /amadga/ | [ã.mad.'ga] | ‘em’ | /amadga/ | [a.mad.'ga] |
|-----|----------|-------------|------|----------|-------------|

Por sua vez, é a consoante rotulada como *voiced retroflexed velar stop* /g/ (9) que é analisada como fonêmica (1966a: 18). A nossa transcrição identifica a nasalização vocálica pós-nasal.

- | | | | | | |
|-----|--------------|--------------|----------|--------------|--------------|
| (9) | /si.'gis.ne/ | [si.'gis.nɛ] | ‘correr’ | /si.'gis.ne/ | [si.'gis.nẽ] |
|-----|--------------|--------------|----------|--------------|--------------|

3.1.2 Dooley e Green, H. (1977)

Dooley e Green, H. (1977: 13), em um trabalho sobre aspectos verbais e categorias discursivas, apresentam a lista de fonemas, fones e suas correspondências em grafemas em nota de rodapé. Não apresentam os contextos de condicionamento, nem transcrições fonéticas de dados, apenas grafemáticas. Segundo os autores, o fonema /g/ pode ser pronunciado como os fones representados pelos símbolos em desuso [g] e [ř]. O primeiro símbolo representa uma plosiva velar vozeada retroflexa (Green, D. e Green, H. 1966a: 18). O segundo fone parece representar uma rótica. Os autores atestam o fonema representado por /F/, símbolo equivalente à fricativa bilabial desvozeada [ɸ] até 1926 (Jones 1926), sendo abolido em 1928 (Jones 1928). Esse fonema pode ter as pronúncias [ɣ], [ɾ] e [g].

A ortografia utiliza <g> para representar /F/, /Φ/, [ɣ], [r] e [g]; para representar /g/ [g] e [ʀ], por sua vez, utiliza o grafema <r>. Na obra consultada, encontramos <g> apenas intervocálico (10) em ataque silábico. Já o grafema <r> é encontrado em todas as posições, início, meio (somente em ataque) e final de palavra (11).

- (10) <atege ir hapis>
 até=la ele atirar=um
 ‘Lá ele costumava ir atirar nas pessoas.’ (Fato ocorrido antes de se iniciarem os
 eventos principais da narrativa.) (Dooley; Green, H. 1977: 6)

- (11) <er keh ipeyti ri-dahan kaayhsima>
 ela fazer=um remédio ele-para muito
 <ipeyti ayre-ni er akeh-ep-ri kabayhtiwa>
 remédio lá-cl=dep ela banhar-cp-o bem
 ‘Ela preparou remédio para ele (detalhe preparatório). Quando já havia muito
 remédio, ela o banhou (evento decisivo).’ (Dooley; Green, H. 1977: 7)

Esta escolha ‘invertida’ de <g, r> é desfeita nas demais análises (Green, D. et al., 1997; Green, H. et al. 2019 [1998]; Launey 2003, 2009; e Barros 2016) e é comentada por Launey (2003: 36). Nelas, <g> passa a representar /g/ e a fricativa /F, Φ/ não é mais atestada. O <r> passa a representar a consoante /ɣ/ em Green, D. et al. (1997), Green, H. et al. (2019 [1998]) e Launey (2003, 2009). Em Barros (2016: 132), a consoante /ɣ/, embora contemporânea, é ignorada no quadro de fonemas.

3.1.3 Green, D. et al. (1997) e Green, H. et al. (2019 [1998])

Green, D. et al. (1997) é um material pedagógico voltado ao treinamento da escrita parikwaki em nível inicial. Não está organizada, portanto, como uma proposta fonológica. A partir das informações apresentadas sobre decisões ortográficas que relacionam escrita e pronúncia, tecemos alguns comentários sobre a análise fonológica que as subjazem.

A consoante /ɣ/, aqui representada por <r> é chamada de glotal e aparece descrita como “o som que se pronuncia entre o ‘r’ e o ‘g’ na palavra ‘gargarejar’.” (Green, D. et al. 1997: 4). A consoante /ɣ/ apresenta contraste em coda e pode ocorrer em final de palavra (12, 14). Também apresenta contraste em meio de palavra (13, 15). Não ocorre em início de palavra, já <g> ocorre (16-17). Ao contrário de Dooley e Green, H. (1977), em Green D. et al. (1997), /g/ não atesta outras pronúncias. Além disso, /g/ é representado por <g> (e não mais por <r>). As transcrições fonológicas e fonéticas de (12) a (17) são nossas, as transcrições grafemáticas são de (Green, D. et al. 1997: 4).

- | | | | | |
|------|----------|------------|-------------|--------------------|
| (12) | <pakir> | ‘catitu’ | /pa.'kiɣ/ | [pa.'kiɣ]~[pa.'ki] |
| | <pakig> | ‘sua tia’ | /pa.'kig/ | [pa.'kig] |
| (13) | <turuhe> | ‘furar’ | /tũ.ɣũ.'hẽ/ | [tũũ.'hẽ] |
| | <tuguhe> | ‘cair’ | /tu.gũ.'hẽ/ | [tu.gũ.'hẽ] |
| (14) | <war> | ‘cabeçudo’ | / 'way/ | ['way] ~ ['wa] |
| | <wag> | ‘mosquito’ | / 'wag/ | ['wag] |

- (15) <saruw> ‘lontra’ /sa.‘yɯw/ [sa.‘uw]
 <sagub> ‘rente’ /sa.‘gub/ [sa.‘gub]
- (16) <gig> ‘seu pai’ /‘gig/ [‘gig]
- (17) <gikengi> ‘a mandioca dele’ /gi. kën.‘gi/ [gi. kën.‘gi]

Os autores tecem alguns comentários sobre a relação do som representado pelo <r> e afastam a possibilidade de ser uma fricativa glotal [h], já que “A letra ‘r’ não tem o som do ‘r’ como no início das palavras ‘rã’ e ‘rádio’ do português” [que podemos transcrever como [‘hã] e [‘ha.dʒiɰw].¹¹] Tal som é representado pela letra ‘h’ em palikúr.” (Green, D. et al. 1997: 4, grifo nosso). <h> representa a fricativa glotal /h/ (e nasalização após vogais). Os autores também afastam a possibilidade de se tratar de um tepe: “Também a letra ‘r’ não tem o som do ‘r’ como meio das palavras ‘arara’ e ‘caro’ [[a.‘ra.rɐ] e [‘ka.rɐ]].” (Green, D. et al. 1997: 4, grifo nosso). Comente-se que a distribuição de /h/ é distinta de /ɣ/ em posição final de palavra, este podendo ser apagado e aquele engatilhando nasalização e na vogal precedente.

- (18) /kanuh/ [kanũ] ‘canoa’
 /usuh/ [usũ] ‘nós (exclusivo)’
 /tih/ [čĩ]¹² ‘chorar’

(transcrição de Green, D. e Green, H. 1966a)

Green, H. et al. (2019 [1998]) é um vocabulário bilíngue com português em que considerações sobre ortografia e gramática são inseridas. Refere-se ao som da consoante leve como “... falado com leve vibração da úvula.” (Green, H. et al. 2019 [1998]: 6). Afirma textualmente que a consoante /ɣ/ não ocorre em início de palavra. No trabalho anterior (Green, D. et al. 1997) apenas não a apresentou em posição inicial.

3.1.4 Launey (2001, 2003, 2009)

A obra de Launey (2003) é uma gramática pedagógica que traz uma série de apontamentos sobre a escrita do parikwaki, com base em sua obra de 2001. Launey (2009), uma obra voltada ao público geral, recupera as mesmas informações de Launey (2001, 2003) e tece comentários novos sobre a consoante /ɣ/. Essa consoante é descrita com pronúncia uvular (Launey 2009: 60), enquanto nos trabalhos anteriores é tida como velar (Launey 2001: 10; 2003: 35). O autor afirma que trabalhou com os Palikur da Guiana Francesa do município de Saint-Georges de l’Oyapock, que faz fronteira com o município de Oiapoque no Brasil. As descrições de Launey (2001, 2003, 2009) são as únicas a utilizar o termo consoante ‘leve’ ou ‘ligeira’ (*consonne légère*) e faz uma descrição mais detalhada de suas variações e contextos.

A consoante /ɣ/ é representada por <r>, assim como em Green, D. et al. (1997) e Green, H. et al. (2019 [1998]). Launey a rotula em (2001, 2003) como *spirante vélaire sonore*, em 2009, utiliza o termo *spirante uvulaire*. O termo *spirante* pode se referir tanto a um som aproximante, como a uma fricativa suave “... *très faiblement articulée*.” (Launey 2003: 35). No trabalho de 2003 a transcreve como [ɣ].

¹¹ Em outras variedades do português brasileiro, também podemos ter [‘ɣã]~[kã] e [‘ɣa.dʒiɰw]~[‘ka.dʒiɰw].

¹² No IPA atual, seria transcrito como [ʝĩ].

A consoante /ɣ/ não ocorre em início de palavra, é pronunciada [ɣ] <r> em contexto intervocálico (19a) e como [ɣ]<r> em contexto final (19b) já que “...le /r/ final est bien une constrictive faible (comme dans kavar, ananas)” (Launey 2003: 43).

(19a) mi'rouk¹³ ‘placa’ (p. 36)

(19b) <kavar> ‘ananas’ (p. 43)

Launey (2003: 35) comenta que a consoante /ɣ/ pode ser apagada por alguns falantes provocando ditongos e encontros vocálicos (19c, 19d), o que condiz com nossas transcrições. A pronúncia da consoante /ɣ/ remete à variedade dos anciãos e a uma articulação mais cuidadosa (Launey 2003: 35-36, transcrições do autor).

(19c) <miruk> ‘prato’ [miwk]

(19d) <takarak> ‘frango’ [takaak]

Por sua vez, o /g/ é pronunciado [g] em início (20) e final de palavra (21). Intervocalicamente, atesta os alofones [ɣ]~[ŋ] (Launey 2003: 36) em posição de ataque (22-23). Em nossa transcrição à direita a lenição não é atestada, nem em Barros (2016). Dentro da mesma palavra em coda, e em fronteira de morfema, atesta somente /g/ em (24) para a qual Launey fornece apenas transcrição grafemática em que não ocorre lenição. /ɣ/ também é apagado nesse contexto (cf. 38):

(20) [gawnasanvu] ‘seus convidados’ (p. 38) [gaw.na.sãn.'vu]

(21) [puɖʒig] ‘rede’ (p. 38) [pu.'ɖʒig]

(22) [ayiku]~[aŋiku] ‘dentro’ (p. 42) [a.gi.'ku]

(23) [kaɣã]~[kaŋã] ‘morder’ (p. 42) [ka.'ge.ne]

(24) <ig-kis> ‘eles’ (p. 65) [ig.'kis]
3.m-PL

Podemos, com base nos dados fornecidos, formalizar a distribuição complementar proposta por Launey (2003) como em (25):

(25) /g/ → [ɣ] / V_V (formalização de Launey 2003, fala dos mais velhos)
→ [g] /n.d.p

/ɣ/ → [ɣ] / V_V
→ [ɣ] / _#
→ *[ɣ] / #_

Presumimos a partir de Launey que uma vez que a única diferença acústico-perceptual entre os fones [ɣ] e [ɣ], alofones, respectivamente, de /g/ e /ɣ/ parece ser apenas a duração, os picos perceptuais para o contraste basicamente desaparecem em contexto intervocálico. Com o impedimento de *[ɣ] em início de palavra, o contraste acústico mais forte jaz na posição de

¹³ A fricativa é representada pelo autor com uma notação que não é nem fonético-fonológica nem propriamente a ortográfica, como mostra (17). Optamos por não utilizar <>.

coda em final de palavra. A variedade dos mais jovens apaga a consoante leve em contexto intervocálico, mas o mesmo não acontece com o /g/ na mesma posição.

3.1.5 Barros (2016)

Barros (2016) é uma tese de doutorado que se propõe a tratar de tópicos fonético-fonológicos, sociolinguísticos e de documentação da língua parikwaki falada no Brasil. A análise de Barros (2016) não inclui a consoante /ɣ/ no quadro fonêmico e ignora seu contraste em posição de coda. Baseada na primeira análise feita por Dooley e Green, H. (1977), que representava /g/ como <r>, a autora afirma:

Desde o início desse estudo que nos chama atenção em Parikwaki a ocorrência de sequências de duas ou três vogais no interior de uma mesma palavra. Na ortografia, contudo, esses 'espaços' são preenchidos pelo grafema <r>. No quadro fonêmico de Dooley e Green (Figura 1-2) vimos que esse grafema representaria o fonema /g/, segundo a análise dos autores. Contudo, nossos dados iniciais não demonstravam a existência de tal fonema no interior da palavra. Barros (2016: 137).

A afirmação não atualiza sua análise à luz de propostas mais recentes: nos dados de Green et al. (1997), Green et al. (2019 [1998]) e Launey (2003) <r> já representa a consoante /ɣ/, e não mais a consoante /g/, como o era em Dooley e Green, H. (1977). Portanto, considerando as propostas mais recentes, pode-se considerar que o /g/ [g] intervocálico ou no interior de palavras pós-coda é encontrado em diversos exemplos em toda a tese de Barros (2016):

(26)	[tu.'ku.gu]	/tu'kugu/	'cabaça'	(Barros 2016: 131)
	[ma.'gu.je]	/ma'guje/	'gostoso'	(p. 134)
	[gi.'vud.ga]	/gi'pudga/	'rede de alguém'	(p. 137)
	[i'.gi.je] *[i'.i.je]	/igije/	'verde, não maduro'	(p. 140)
	[ʃu.gu.'tubʰ]	/ʃugu'tub/	'boca-de-fogo, peixe'	(p. 141)
	[si.'gũ]	/si'gũ /	'opor-se, ser contra'	(p. 151)
	[ma.gi.'kas]	/magi'kas/	'igapó'	(p. 182)

Com base na proposta de Dooley e Green, H. (1977), a autora propõe fazer a medição acústica de “...110 palavras que eram grafadas com o <r> intervocálico no Dicionário Palikur (Green; Green 2008)”, (Barros 2016, p. 137). No entanto, o dicionário Green, D. e Green, H. (1998) representa /ɣ/ como <r> e /g/ como <g>, ao contrário de Dooley e Green, H. (1977), que ainda adota a escrita “invertida” /ɣ/ <g> e /g/ <r>. Sendo assim, as 110 palavras medidas apresentam, na verdade, o desaparecimento da consoante /ɣ/ e não de /g/. Em (27) temos a transcrição de Barros (2016) e em (28) para a mesma palavra nos demais trabalhos.

(27) /kuguku/ → [kuuku], 'rato' (Barros 2016: 38)

(28) /kuyuku/¹⁴ → [kuʷuku], (Launey 2003: 36, adaptação nossa)

¹⁴ Launey utiliza o símbolo /r/ em todos os trabalhos para representar a consoante leve.

As medições acústicas de fato atestam que a consoante /ɣ/ (e não o /g/) desaparece completamente nesse contexto. A autora deixa a questão em aberto e analisa as palavras em (26) como contra-exemplos à hipótese de apagamento de /g/. Os dados em (26), no entanto, atestam, segundo nossa interpretação, e o cotejamento com outros trabalhos, que, de fato, não há lenição de /g/ nos mais jovens (ao contrário de Launey (2003) para os mais velhos), mas apenas apagamento da consoante /ɣ/. Barros (2016) é um trabalho mais recente e utilizou dados de pessoas mais jovens do que aquelas que trabalharam com Launey (2003). Estamos, portanto, diante de um caso de variante dialetal intergeracional. A autora exclui a consoante /ɣ/ de sua análise (Barros 2016: 132, quadro 5-1) e apresenta a seguinte distribuição (p. 149) que adaptamos em (29).

- (29) /g/ → [g]¹⁵ / V_ (Barros 2016: 149)
 → [g] /n.d.p.¹⁶

3.1.6 Nossa proposta

O apagamento da consoante /ɣ/ por falantes mais jovens já fora percebido como tendência por Launey (2003), algo que os dados de Barros (2016) confirmam, embora a análise não apresente. Além disso, a partir desses dados e de uma análise alternativa (30), podemos dizer que na variedade dos mais jovens o contraste é acentuado, já que [g] não apresenta fricativização como na variedade dos anciões apresentada por Launey (2003).

- (30) /g/ → [g] / e.t.p.¹⁷ (nossa proposta, fala dos mais jovens)
 /ɣ/ → [Ø] / V_V
 → [ɣ]~[Ø] / _#
 → *[ɣ] / #_

A análise de Barros (2016) não apresenta pares mínimos em posição final que contrastam /g/ e /ɣ/ (ver 12, 14). Os pares mínimos de dados como (12-15; 31-34) são apresentados por Green, H. et al. (1997: 4), mas não ocorrem em Barros (2016). A autora procede ao contraste em pares mínimos somente em posição de ataque e não o faz para a posição de coda, posição essa em que podemos atestar o contraste entre /ɣ/ e /g/, e que é preenchida por outras consoantes. Em checagem com uma das autoras deste trabalho, que é falante nativa de parikwaki adulta (38 anos), os contrastes em (12-17) repetidos em (31-36) por conveniência procedem.

- | | | | | |
|------|----------|-----------|--------------|--------------------|
| (31) | <pakir> | ‘catitu’ | /pa.'kiɣ/ | [pa.'kiɣ]~[pa.'ki] |
| | <pakig> | ‘sua tia’ | /pa.'kig/ | [pa.'kig] |
| (32) | <turuhe> | ‘furar’ | /tũ.ɣũ.'hẽ / | [tũ.ũ.'hẽ] |
| | <tuguhe> | ‘cair’ | /tu.gũ.'hẽ / | [tu.gũ.'hẽ] |

¹⁵ Algumas palavras terminadas em plosivas apresentam soltura não-audível em posição final de sílaba, sobretudo em final de palavra, mas não de maneira generalizada. Este parece ser um fenômeno independente que merece ser melhor estudado.

¹⁶ Nas demais posições.

¹⁷ Em todas as posições.

- | | | | | |
|------|-----------|-------------------|----------------|---------------|
| (33) | <war> | ‘cabeçudo’ | / 'way / | ['way]~ ['wa] |
| | <wag> | ‘mosquito’ | / 'wag / | ['wag] |
| (34) | <saruw> | ‘lontra’ | / sa.'yuw / | [sa.'uw] |
| | <sagub> | ‘rente’ | /sa.'gub/ | [sa.'gub'] |
| (35) | <gig> | ‘seu pai’ | / 'gig / | ['gig] |
| (36) | <gikengi> | ‘a mandioca dele’ | /gi. kën.'gi / | [gi. kën.'gi] |

Não atestamos /g/ ou /y/ em posição de coda no interior da mesma raiz seguida por consoante. Todos os exemplos identificados consistem de palavras plurimorfêmicas (37-38). O empréstimo do português ‘carta’ (39) inclui uma plosiva na coda interna à palavra, sendo esse o único exemplo encontrado com essa configuração, a saber: /g/ em coda e em meio de raiz.

- | | | | | |
|------|-----------------|-------------------------|---------|---------------|
| (37) | <gi-nag-vig> | ‘irmãs da mãe dele’ | (p. 18) | [gi.nag.'vig] |
| | 3-mãe-CLF:ASSOC | | | |
| (38) | <amar-bo> | ‘capa, coberta, toalha’ | (p.58) | [a. ma.'bɔ] |
| | casca-CLF.PLN | | | |
| (39) | <kagta> | ‘papel, carta, livro’ | (p.184) | ['kag.ta] |

3.2 Empréstimos e integração ortográfica

Os grafemas <f, l, j, z> ocorrem na grafia de palavras emprestadas. Representam, respectivamente, os fonemas /f, l, ʒ, z/ da língua portuguesa, que não ocorrem em palavras do parikwaki, mas apenas em empréstimos. O parikwaki é a única língua da região de Oiapoque em que podemos sempre ter certeza sobre o empréstimo de uma palavra já que as outras línguas da região são geneticamente relacionadas (kheuól, português e francês) e o parikwaki pertence a uma família linguística com características tipológicas bem distintas. Empréstimos com as letras <f> e <z> ocorrem apenas em início de palavra. <j> ocorre em início e fim. <l> ocorre em início, meio e coda.

- | | | | |
|------|-----------|-------------------------------------|-----------------------------|
| (40) | <funiw> | ‘funil’ (Green, D. et. al. 1997: 3) | do português <i>funil</i> |
| | <goble> | ‘copo’ | do kheuól <i>goble</i> |
| | <jambu> | ‘jambu’ | do português <i>jambu</i> |
| | <lalamp> | ‘lâmpada’ | do kheuól <i>lalamp</i> |
| | <zohyo> | cebola | do kheuól <i>zôjô</i> |
| (41) | <fet> | ‘festa’ (Launey, 2003, p. 37) | do kheuól <i>fét</i> |
| | <helobj> | ‘relógio’ | do português <i>relógio</i> |
| | <ahj> | ‘anjo’ | do francês <i>ange</i> |
| | <viyoloh> | ‘violão’ | do português <i>violão</i> |

Há algumas flutuações nas apresentações desses fonemas e grafemas. Dooley e Green, H. (1977) colocam apenas /l/ <l> em seu quadro fonêmico e em suas representações grafemáticas, enquanto ignoram o restante. Já Green, D. et al. (1997) e Green, H. et al. (2019)

[1998]) inserem os quatro grafemas e fonemas. Launey (2003) também o faz, embora não tenha inserido /z/ <z> em Launey (2001). Barros (2016), por sua vez, não insere <j> /ʒ/.

4. Considerações finais

Este estudo apresentou os desafios envolvidos nas análises fonológicas e nas propostas ortográficas (cf. Tabela 3) do parikwaki, enfatizando a importância de avanços que promovam maior consistência. As diferentes abordagens sobre as consoantes /g/ e /ɣ/ revelam a diversidade de interpretações e metodologias empregadas, destacando a necessidade de maior convergência para facilitar a padronização da escrita.

Tabela 3. Fonologias e ortografias: resumo

Autor(es)	Análise de /g/	Análise de /ɣ/	Fonemas de empréstimo /f, l, ʒ, z/	Ortografia proposta
Green, D. & Green, H. (1966a)	/g/ fonêmico; [g] é alofone de /k/	/g/ com variação livre ([g], [g̊], [r], #); sem distinção geracional	Não considerados	<r> para /g/; <g> para /ɣ/
Dooley & Green, H. (1977)	/g/ com alofones [g], [r̥]	/F/ com [ɣ], [r], [g]; sem distinção geracional	Apenas /l/ com <l>	<r> para /g/; <g> para /ɣ/; <l> para /l>
Green et al. (1997; 2019 [1998])	/g/ → [g] em todas as posições; não diferenciam gerações	/ɣ/ ausente no início; contraste preservado em coda e meio da palavra; sem menção a apagamento	/f, l, ʒ, z/ com <f, l, j, z>	<g> para /g/; <r> para /ɣ/; <f, l, j, z>
Launey (2001, 2003, 2009)	Velhos: /g/ com lenição ([ɣ], [ŋ]);	Velhos: /ɣ/ = [v] (intervocálico),	/f, l, ʒ/ com <f, l, j>; /z/ omitido (2001)	<g> para /g/; <r> para /ɣ/; <f, l, j>

	Jovens: mantêm [g]	[ɣ] (final); Jovens: /ɣ/ apagado intervocálico		
Barros (2016)	/g/ → [g]; dados de jovens , sem lenição	/ɣ/ não considerado na análise (jovens)	/f, l, z/ incluídos; <j> omitido	<g> para /g/; <f, l, z>
Nossa proposta (2025)	Jovens: /g/ → [g] em todas as posições	Jovens: /ɣ/ → Ø intervocálico, [ɣ]~Ø final, *#/ (não ocorre em início)	/f, l, ʒ, z/ com <f, l, j, z>	<g> para /g/; <r> para /ɣ/; <f, l, j, z>

Essas análises, além de refletirem diferenças metodológicas e teóricas, mostram, quando cotejadas, fenômenos intergeracionais, como o apagamento da consoante /ɣ/ por falantes mais jovens e a fricativização de /g/ entre os mais velhos. Tendo como base a nossa discussão e análise, cabe à comunidade de falantes optar por representar a consoante /ɣ/ grafematicamente em todas as posições, em uma escrita mais fonêmica (42a; 43), ou abandoná-lo em posição intervocálica, convergindo para uma ortografia mais fonética e baseada na fala dos mais jovens (42b).

(42a) <kuruku> ‘rato’

(42b) <kuuku>

(43) <war> ‘cabeçudo’

Propostas ortográficas robustas devem partir de um entendimento claro sobre a fonologia da língua. Assim, escolhas ortográficas que abranjam diferenças geracionais ou clônicas podem ser tomadas com responsável consciência. Avançar nessa padronização ortográfica requer a consideração de dados primários abrangentes com a consulta a mais falantes e uma abordagem colaborativa. Esse processo deve envolver pesquisadores, professores indígenas e a comunidade de falantes do parikwaki no esforço de documentar, descrever e analisar a língua como subsídio para a formulação de materiais que auxiliem na manutenção de sua vitalidade.

As reflexões sobre as decisões ortográficas propostas neste estudo, ainda que preliminares, podem subsidiar a elaboração de materiais didáticos bilíngues mais alinhados com a realidade fonológica atual dos falantes, especialmente os mais jovens. Uma ortografia que leve em conta a simplificação fonética observada nessa geração pode facilitar o processo de alfabetização inicial, promovendo maior familiaridade entre fala e escrita. No entanto, tal

escolha implica custos: o apagamento de marcas fonêmicas historicamente atestadas — como a distinção entre /g/ e /ɣ/ — pode restringir o acesso a registros mais conservadores da língua.

Por outro lado, manter uma ortografia mais fonológica, sensível a oposições hoje em retração, pode servir como ferramenta de fortalecimento identitário e intergeracional, especialmente em contextos escolares onde a valorização da língua indígena é um objetivo explícito. Como mostram Franchetto (2008) e Seifart (2006), a padronização ortográfica não é neutra: ela implica escolhas políticas, negociações comunitárias e compromissos com formas específicas de conhecimento. Assim, este trabalho propõe um caminho viável para decisões ortográficas futuras, baseado na observação empírica da fala e na escuta ativa da comunidade, mas reconhece que qualquer padronização duradoura deve emergir de um processo participativo e reflexivo que envolva os próprios falantes e educadores indígenas.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. (1999). The Arawak language family. In R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian languages* [Cambridge Language Surveys], pp. 65-106. Cambridge University Press.
<https://www.amazon.com/Amazonian-Languages-Cambridge-LanguageSurveys/dp/0521578930>
- Arnaud, Expedito (1968). Referências sobre o sistema de parentesco dos índios Palikúr. *Revista de Antropologia* 16(1): 35-50. <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/705>
- Arnaud, Expedito (1984). Os índios Palikúr do rio Urucaú: tradição tribal e protestantismo. *Revista Brasileira de Antropologia* 27(2): 95-112. <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/908>
- Barros, Elissandra (2016). *A língua Parikwaki (Palikur, Arawak): situação sociolinguística, fonética e fonologia* (Tese de doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
<https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/document/a-lingua-parikwaki-palikur-arawak-situacao-sociolinguistica-fonetica-e-fonologia/>
- Barros, Elissandra; Batista, Lenise Felício (2023). Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene. *Revista Linguística* 19: 50-77.
<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/60394/41180>
- Batista, Ailton (2013). *Origens dos clãs Palikur-Arukwayene* (Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena). Universidade Federal do Amapá (UFAP).
https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2013_Ailton-Batista_ORIGENS-DOS-CL%C3%83S-PALIKUR-ARUKWAYENE.pdf
- Batista, Ramiro Esdras (2019). *Keka Imawri: Narrativas e códigos de guerra entre os Palikur-Arukwayene*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará.
https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14947/1/Dissertacao_KekaImawriNarrativas.pdf
- Batista, Ramiro Esdras (2023). *De colonialismos e memórias sitiadas: história, antropofagia e tecnologia bélica nas guerras guianenses* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará (UFPA).
https://drive.google.com/file/d/1_Voa2kzUUmouTAH49E-uLAIqmxOTwLAP/view
- Boersma, P.; Weenink, D. (2025). *Praat: doing phonetics by computer* (Version 6.4.04).
<http://www.praat.org/>
- Boutle, Philip; Boutle, Wendy (1963). *Palikúr Museu Wordlist* [1]. Language Assessment, Linguistics [manuscrito não publicado]. SIL. <https://www.silbrasil.org.br/resources/archives/88429>
- Capiberibe, Artionka (2009). *Nas duas margens do rio: alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira Brasil/Guiana Francesa* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.
https://www.academia.edu/32878182/Tese_Nas_duas_Margens_do_Rio_Alteridade_e_transforma%C3%A7%C3%B5es_entre_os_Palikur_na_frenteira_Brasil_Guiana_francesa
- Collins, I. Vaughn (1963). *Palikúr Museu Wordlist* [3]. Language Assessment, Linguistics [manuscrito não publicado]. SIL. <https://www.silbrasil.org.br/resources/archives/88431>
- Crofts, Marjorie (1975). Introduction to question words in Palikur. *Notes on Translation* 55: 22-23.
<https://www.silbrasil.org.br/resources/archives/7471>
- Dooley, Robert. A.; Green, Harold. G. (1977). Aspectos verbais e categorias discursivas da língua Palikur. *Série Lingüística* 7: 7-28.
<https://www.sil.org/system/files/reapdata/15/09/04/150904606473255008116089186004339337920/AspLNgPL.pdf>
- Felicio, José Antônio (1975). *Uhokri Mpitha Nukamkayh Agiw Miyaka*. SIL.
<https://www.silbrasil.org.br/resources/archives/88564>

- Filho, Leon Orlando (1974). *Amekene Bisikepka Rapit Kuhipra*. Brasil: Ministério do Interior – Fundação Nacional do Índio. <https://www.silbrazil.org/resources/archives/88514>
- Filho, Paulo Orlando (1974). *Kawokwine Rikak Yit*. Ministério do Interior – Fundação Nacional do Índio. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88525>
- Franchetto, Bruna (2008). A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *Mana* 14(1): 31–59. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000100002>
- Gallois, Dominique.; Grupioni, Denise (2003). *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam*. Instituto Iepé. <https://institutoiepe.org.br/2008/07/povos-indigenas-no-amapa-e-norte-do-para/>
- Gomes, Ivanildo (1990). *Nuweuni Gikak Uhokri*. SIL. <https://test-silorg.sil.org/resources/archives/88743>
- Green, Diana; Green, Harold G. (1966a). *Palikúr phonemic statement*. [manuscrito não publicado]. SIL. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88418>
- Green, Diana; Green, Harold G. (1966b). *Palikúr Museu Wordlist* [2]. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88430>
- Green, Diana; Green, Harold G. (1972). *Surface structure of Palikúr grammar* [manuscrito não publicado]. SIL. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88416>
- Green, Diana.; Green, Harold G. (1996). *Palikúr Interlinear Texts* [manuscrito não publicado]. SIL. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88428>
- Green, Diana; Green, Harold G. (1998). *Yuwit kawihka: Dicionário Palikúr - Português*. [Manuscrito não publicado]. SIL. <https://glottolog.org/resource/reference/id/139352>
- Green, Diana; Green, Harold G. (2008). *Dicionário Palikúr – Português*, maio de 2008. [Manuscrito não publicado]. SIL.
- Green, Diana.; Green, Harold. G.; Gomes, Ivanildo.; Orlando, Aldiere.; Ioiô, Thierry.; Silva, E. (1997). *Você pode ler e escrever na língua Palikúr: Gramática sucinta da língua Palikúr*. SIL. https://archive.org/details/rosettaproject_plu_book-2/rosettaproject_plu_book-1/
- Green, Harold; Green, Diana; Gomes, Ivanildo; Orlando, Aldiere; Martiniano, Nilo; Ioiô, Raimunda; Felício, João; Romanowski, Antonia Elizabete; Green, David; Vogel, Alan; Correa, Timotheo Lopes De Melo; Andrade, Leni; e Valadares, Simoni M. B. (2019). *Kagta Iwitkekne Parikwaki-Paratunka. Dicionário Palikur-Português e Vocabulário Português-Palikur*. (Segunda edição revisada e atualizada do dicionário anteriormente chamado Yuwit Kawihka de 1998). SIL. https://www.sil.org/system/files/reapdata/12/39/49/123949475005448672569820978374521142192/plu_Dicionario_Palikur_Portugues_2019.pdf
- Iaparrá, Moisés (1974). *Yuwit: Pagikwaki / Pagantunka*. Ministério do Interior Fundação Nacional do Índio. <https://www.silbrazil.org.br/resources/archives/88526>
- Iaparrá, Moisés; Ioiô, Alfonso; Santo, Davi Espírito (1992). *Kaig adahan muwokweki akak kamukri: livro de leitura e calendário na língua Palikúr*. SIL e Fundação Nacional do Índio. <https://www.silbrazil.org/resources/archives/48049>
- Jones, Daniel (1926). Lautzeichen und ihre Anwendung in verschiedenen Fachgebieten. *Maître Phonétique* 41. https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/IPA_hist/IPA_hist_2018.html#10
- Jones, Daniel (1928). Lautzeichen und ihre Anwendung in verschiedenen Fachgebieten. *Maître Phonétique* 43. https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/IPA_hist/IPA_hist_2018.html#11
- Launey, Michael (2001). *Éléments de grammaire Palikur*. Ibis Rouge. <https://core.ac.uk/download/pdf/39845806.pdf>
- Launey, Michael (2003). *Awna parikwaki*. IRD éditions. [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pF0UAS7rwgWC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Launey,+M.+\(2003\).+Awna+parikwaki.+IRD+%C3%A9ditions.&ots=qNFToC0CwH&sig=OJSfB3-RUGaH4nthC_WLCNDH3Xk](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pF0UAS7rwgWC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Launey,+M.+(2003).+Awna+parikwaki.+IRD+%C3%A9ditions.&ots=qNFToC0CwH&sig=OJSfB3-RUGaH4nthC_WLCNDH3Xk)
- Launey, M. (2009). La langue Palikur. In Odile Renault-Lescure; Laurence Goury (eds.), *Langues de Guyane*, pp. 57-65. Vents d'ailleurs/IRD Editions. <https://www.amazon.com.br/Langues-Guyane-Odile-Renault-Lescure/dp/2911412478>
- Lüpke, Friederike; Stenzel, Kristine; Cabalzar, Flora Dias; Chacon, Thiago; Cruz, Aline da; Franchetto, Bruna; Guerreiro, Antonio; Meira, Sérgio; Silva, Glauber Romling da; Silva, Wilson; Storto, Luciana; Valentino, Leonor; Voort, Hein van der; Watson, Rachel (2020). Comparing rural multilingualism in Lowland South America and Western Africa. *Anthropological Linguistics* 62(1): 3-57. <https://doi.org/10.1353/anl.2020.0002>.
- Nimuendajú, Curt (1926). *Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn* 31(2). Elanders Boktryckeri Aktiebolag. http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:nimuendaju-1926-palikur/nimuendaju_1926_palikur.pdf
- Orlando, Dilziane Labontê (2024). *Panorama da situação sociolinguística dos Palikur* (Dissertação de mestrado em Linguística). Universidade Federal do Amapá.

- Payne, David L. (1991). A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical. In Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages* 3, pp. 355-499. Walter de Gruyter. <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110854374/html>
- Ramirez, Henri (2001). *Línguas Arawak da Amazônia setentrional: comparação e descrição*. EDUA. https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aramirez-2001-arawak/Ramirez_2001_LinguasArawakAmazoniaSetentrional.pdf
- Santos, Mara G.; Silva, Glauber Romling da (2020). Duas ortografias, uma língua: as variedades Karipuna e Galibi-Marworno do khuól do Uaçá. *Revista Porto das Letras* 6(3): 228–250. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9860>
- Seifart, Frank (2006). Orthography development. In Jost Gippert; Nikolaus P. Himmelmann; Ulrike Mosel (eds.), *Essentials of Language Documentation*, pp. 275–299. Mouton de Gruyter. <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110197730.275/html>
- SIASI/SESAI (2020). Site do Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur>.
- Silva, Glauber Romling da (2021a). A distinção contável-massivo no khuól do Uaçá. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 21: 1-17. <https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661283>
- Silva, Glauber Romling da (2021b). Khuól do Uaçá (Amapá): aspectos históricos, gramática e educação. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento* 14(2): 58-68. <https://doi.org/10.24979/ambiente.v14i2.1016>
- Silva, Glauber Romling da; Santos, Mara G. (2022). Reflexões sobre métodos de valorização linguística e cultural para a formação de professores pesquisadores indígenas. *Letras Escreve* 12(1): 185–197. <https://doi.org/10.18468/letras.2022v12n1.p185-197>
- Silva, Glauber Romling da (2023). Aspectos sintáticos dos adjetivos em khuól do Uaçá. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 23: 1-19. <https://doi.org/10.20396/liames.v23i00.8671376>
- Silva, Glauber Romling da; Forte, Janina dos Santos (2024). Fonologia do khuól do Uaçá, variedade Karipuna: principais aspectos. *LIAMES-Línguas Indígenas Americanas* 24: 1-32. <https://doi.org/10.20396/liames.v24i00.8675168>
- Vidal, Lux B. (2001). Mito, história e cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia* 44: 117-147. <https://www.scielo.br/j/ra/a/yXp4K4dgFmhrmq5Gd4VsSk/>

CRedit - Taxonomia de roles de colaboração acadêmica

Declaração de conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

Contribuição dos autores

O trabalho desenvolveu-se em plena colaboração entre os autores, desde a revisão bibliográfica, análise, redação do artigo, produção final e revisão do artigo.

Ética em pesquisa com seres humanos

Não aplicável.

Financiamento da pesquisa

Não houve financiamento para esta pesquisa.

Submissão recebida: 29/3/2025

Segunda rodada de avaliação: 18/6/2027

Aceito: 30/6/2025

Publicado: 30/6/2025